



Acta Scientiarum. Language and Culture
ISSN: 1983-4675
ISSN: 1983-4683
actalan@uem.br
Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Revisitando Whitney: das dimensões social e política no estudo da linguagem

Severo, Cristine Gorski; Gorski, Edair Maria
Revisitando Whitney: das dimensões social e política no estudo da linguagem
Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 41, núm. 1, 2019
Universidade Estadual de Maringá, Brasil
Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307460649010>
DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i1.43009>

Revisitando Whitney: das dimensões social e política no estudo da linguagem

Cristine Gorski Severo

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

crisgorski@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v4i1.43009>

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307460649010>

Edair Maria Gorski

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Recepção: 25 Maio 2018

Aprovação: 21 Fevereiro 2019

RESUMO:

Discorre-se sobre ideias do linguista norte-americano William Whitney (1827-1894), tendo em vista: (i) certo papel (não atribuído a ele como precursor da linguística moderna; (ii) o contexto sociopolítico de suas produções; (iii) as articulações em torno da relação entre linguagem/língua, indivíduo e comunidade, instaurando a concepção da primeira como instituição humana/social; (iv) o papel político dos trabalhos de Whitney, com enfoque em sua concepção de educação e contribuições para as políticas linguísticas. A revisitação a trabalhos de Whitney é um passo importante para, por um lado, relativizar discursos genealógicos da linguística que apagam ou minimizam suas contribuições e, por outro, evidenciar a maneira como suas ideias dialogam com demandas e questões linguísticas contemporâneas. Ao darmos um passo atrás – valorizando escritos do século XIX –, podemos rever o presente de uma forma mais alargada, relativizando possíveis modismos ou avaliações apressadas sobre o que conta como ‘contemporaneidade’ nos estudos da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: sociolinguística, política linguística, língua, variação, mudança.

ABSTRACT:

We aim at reflecting on the ideas of the American linguist William Whitney (1827-1894), considering: (i) a certain role (not) attributed to him as the precursor of modern linguistics; (ii) the socio-political context of production of his ideas; (iii) the connection between language, individual and community, establishing the concept of language as a human/social institution; (iv) the political and institutional role of Whitney's work, focusing on his conception of education and his contributions to language policy. We assume that revisiting some of Whitney's works is an important step, on one hand, to relativize genealogical discourses of linguistics that erase or minimize his contributions and, on the other hand, to highlight the way his ideas still dialogue with contemporary linguistic questions. We recognize that by taking a step backwards – to the 19th century writings – we can comprehend the present moment in a broader way, relativizing possible fads or hurried claims of what counts as 'contemporaneity' in language studies.

KEYWORDS: sociolinguistics, language policy, language, variation, change.

INTRODUÇÃO

Neste texto apresentamos aspectos epistemológicos e políticos presentes na obra do linguista norte-americano William Dwight Whitney (1827-1894), refletindo sobre o papel desse autor na formação e consolidação dos estudos linguísticos. Interessa-nos, também, discorrer sobre sua trajetória intelectual à luz do cenário sociopolítico em que vivia. A escolha por Whitney se justifica pela importância atribuída a ele por uma série de estudiosos da linguagem, seja como precursor das ideias linguísticas ou como fundador da ciência linguística, seja como um iniciador da sociolinguística ou, ainda, como representante de viradas epistemológicas significativas para a época. Além dessa contextualização, retomamos as reflexões de Whitney a partir de dois eixos: o conceito de linguagem/língua em diálogo com a dimensão social, tema inovador para a época; e aspectos políticos presentes em seu pensamento. Nossa apresentação e análise se detém, basicamente, nas seguintes obras representativas do autor: *Language and the study of language – twelve lectures on the*



principles of linguistic science (1867a); *Languages and dialects* (1867b); *Language and education* (1871); *The life and growth of language: an outline of linguistic science* (1875) e *Max Müller and the science of language* (1892)^[1]. Ressalte-se que as publicações de Whitney superam mais de quatrocentos trabalhos, entre traduções, resenhas, notas, ensaios, relatórios, obituários, escritos técnicos, pedagógicos e teóricos (Lanman, 1897; Long, 1929).

O texto se organiza da seguinte forma: iniciamos com uma apresentação sobre o percurso e as produções de Whitney, salientando suas influências no pensamento moderno saussuriano e a pouca circulação de suas ideias no contexto brasileiro; em seguida, discorremos sobre a relação entre língua e sociedade nos trabalhos de Whitney, sinalizando para os germes de uma sociolinguística; na sequência, destacamos as contribuições políticas das reflexões de Whitney, seja para o campo da educação, seja para as políticas linguísticas.

WHITNEY: PERCURSO E PRODUÇÕES

De forma geral, atribui-se a William Whitney o papel de precursor das ideias linguísticas no século XIX, embora os autores variem na importância atribuída a ele. Exemplificando a relevância acadêmica de Whitney no cenário norte-americano, mencionamos a realização do primeiro congresso americano de filólogos, em dezembro de 1894 na Filadélfia, em homenagem à memória de Whitney, que foi fundador da Associação Americana de Filologia (1869). O relatório do evento publicado em 1897 reconhece que Whitney atuou por mais de um quarto de século como o principal representante da filologia americana (Lanman, 1897). Nesse relatório, Whitney é identificado de diversas maneiras, como indianista, sanscrista, filólogo, comparativista; além de ser considerado uma personalidade que detinha uma familiaridade com diferentes áreas do saber, como geologia (seu irmão era geólogo), botânica, literatura, astronomia e estudos de religião. Seu estilo de escrita também é elogiado pelo relatório, como sendo simples e claro, sem fazer uso de retórica ou escrita ornamentada. Dentre suas obras mais reconhecidas, o relatório menciona a grandeza acadêmica de *Language and the study of language* (1867a), especialmente por lidar com princípios e apresentar questões especulativas e algumas generalizações; além dessa obra, o documento faz menção aos escritos de Whitney sobre aspectos fonéticos e gramaticais dos Vedas – textos religiosos indianos – e ao papel do linguista como editor de publicações da Sociedade Oriental Americana. Os trabalhos de Whitney podem ser classificados em três orientações: trabalhos técnicos, escritos pedagógicos e popularização de temas científicos (Seymour, 1894; Lanman, 1897).

Seguimos nossa exemplificação da importância atribuída por linguistas a Whitney, mencionando a avaliação de Saussure. A obra saussuriana *Escritos de linguística geral* (Saussure, 2002) apresenta dois textos dedicados a Whitney: ‘Notas para um artigo sobre Whitney’ e ‘Notas para o curso II (1908-1909): Whitney’. No primeiro escrito, o linguista genebrino tanto reconhece o papel inovador de Whitney nos estudos comparados, como, principalmente, realça sua contribuição para a emergência de uma linguística geral: “Ele é o primeiro generalizador que soube não tirar conclusões absurdas, sobre a Linguagem, da obra da gramática” (Saussure, 2002, p. 176). Ademais, uma das inovações de Whitney estaria, segundo Saussure, na afirmação de que “[...] a linguagem é uma ‘instituição’ humana. Isso mudou o eixo da linguística” (Saussure, 2002, p. 181; grifo do autor). No segundo escrito, o autor reconhece a relevância atribuída por Whitney aos princípios postulados pela linguística indo-europeia na emergência e configuração dos estudos modernos de linguagem: “Mas, como diz Whitney, a linguística indo-europeia tem o direito de falar às outras [...]” (Saussure, 2002, p. 261).

A importância conferida por Saussure a Whitney foi reconhecida também por outros autores, como Jakobson (1985, p. 269, tradução nossa): “Saussure repetidamente expressou sua reverência pelo americano Whitney”^[2]. Outro autor que menciona a aproximação entre Saussure e Whitney é John Joseph (2002), sinalizando para a influência, principalmente, da obra *The life and growth of language: an outline of linguistic science* (1875) – cujo título teria sido criticado por Saussure por subentender a ideia de língua como

organismo vivo – nos conceitos saussurianos de signo e de arbitrariedade, bem como no papel da relação entre comunidade e indivíduo nos processos linguísticos. Essa obra também teria delineado duas abordagens avançadas para a época: o papel da analogia como força atuante sobre as línguas e o questionamento sobre o papel da Ásia como lar do indo-europeísmo (Seymour, 1894).

No cenário brasileiro, autores que mencionam o papel relevante de Whitney na emergência da linguística moderna incluem, entre outros, Milani (2000), Faraco (2004) e Cruz (2010). Sucintamente, Milani (2000) analisa, em sua tese de doutorado, os pensamentos de Humboldt, Whitney e Saussure – reconhecidos como fundamentais para a emergência das ideias linguísticas – à luz de seus contextos sócio-históricos de produção; o autor defende que Whitney teria operado como uma ponte entre Humboldt e Saussure. O linguista norte-americano, na perspectiva de Milani (2000, p. 10) sobre a obra *The life and growth of language*, teve como objetivo central “[...] demonstrar o processo de aprendizagem pelo ser humano da língua materna e de línguas estrangeiras”.

Já Faraco (2004) atribui a Whitney, juntamente a Humboldt, um papel relevante na emergência da linguística do século XX; dentre as obras de Whitney mencionadas pelo linguista brasileiro está *The life and growth of language*, especialmente no que tange à concepção de que o signo linguístico seria arbitrário e convencional, a língua seria uma instituição social e a língua deveria ser estudada a partir de uma ciência autônoma. Por fim, Cruz (2010), tradutor para a língua portuguesa de *The life and growth of language*^[3], a partir da versão francesa *La vie du langage* (1875), também propõe que esta obra teria instaurado as bases da linguística moderna, influenciando o pensamento de Saussure (2004; 2002); o tradutor afirma, ainda, que a concepção de língua como instituição humana teria resgatado as noções de sujeito, de sociedade e de sentido, seguindo uma orientação diferente da onda naturalista e dos estudos comparados do século XIX.

Para uma breve contextualização das ideias da época, dentre alguns debates e controvérsias nos quais o linguista norte-americano se envolveu destaca-se a sua relação com os trabalhos do naturalista Max Müller, englobando: uma crítica de Whitney às traduções de textos védicos feitas por Müller, além de crítica a sua visão de língua como organismo vivo, publicada no texto *Max Müller and the science of language: a criticism* (1892). Esse posicionamento polêmico de Whitney, especialmente a partir de 1870, foi reforçado por Koerner (1989), que atribui àquele a defesa da inscrição da linguística em uma orientação histórica e humana, ao invés de naturalista ou psicológica.

O enfoque de língua de Whitney contesta a perspectiva de organismo vivo cujo funcionamento se daria por uma dinâmica metafísica – apolítica – independente dos falantes. Essa visão metafísica é vista por Whitney (1867b) como um dos três estágios do desenvolvimento da linguística: (i) teológico, que propõe a língua como uma criação divina, inscrita de forma milagrosa no homem; (ii) metafísica, que considera a existência da língua, tida como um organismo, de maneira independente; (iii) positivista, que postula a existência da língua a partir de fatos observáveis passíveis de descrição clara.

Tendo feito essa exposição sobre o percurso e a influência do pensamento de Whitney na linguística moderna, nas duas próximas seções nos debruçaremos sobre suas ideias, priorizando a dimensão social e política de seus escritos.

WHITNEY E AS SEMENTES DA SOCIOLINGUÍSTICA

Alguns autores atribuem a Whitney um papel fundante no que se refere à inserção da dimensão social nos estudos da linguagem. Exemplificando, Labov (2008), tendo como critério a mudança linguística, divide os estudiosos que se ocuparam desse assunto a partir do século XIX em dois grupos, identificados como o grupo associal e o grupo social, situando, como marco inicial do segundo grupo, Whitney^[4]. Koerner (1991), em ‘Toward a history of modern sociolinguistics’, esboça uma linhagem genealógica que tem início em Whitney e culmina em Labov. Não obstante tais considerações, o trabalho de Whitney parece não ter recebido a devida atenção nos estudos linguísticos do século XX e XXI, particularmente no âmbito da sociolinguística.

É interessante observar como Labov imprime um tom de certa crítica quando menciona algumas passagens relativas a Whitney em *Principles of linguistic change: internal factors* (Labov, 1994) e em *Principles of linguistic change: social factors* (Labov, 2001). Na primeira obra, o sociolinguista reconhece Whitney como o maior proponente do princípio do uniformitarismo na linguística (num paralelo entre a geologia e a linguística), mas salienta que este era pouco inclinado ao estudo da linguagem cotidiana – que é o foco de interesse laboviano. Na segunda, Labov faz referência a Whitney ao comentar a visão desse autor sobre a “[...] força destrutiva da mudança sonora [...]”^[5] – (Labov, 2001, p. 11), sobre a noção de “preguiça”^[6] envolvida no princípio do menor esforço, em contraste com a noção de economia – (Labov, 2001, p. 18), e sobre a origem das inovações nos “[...] falantes incultos e descuidados [...]”^[7] – (Labov, 2001, p. 30).

Uma rápida busca por outras obras de referência na área indica que Whitney tem sido pouco reportado, mesmo entre os norte-americanos. A título de ilustração: em *An introduction of sociolinguistics* (Wardhaugh, 2002), em *The handbook of sociolinguistics* (Coulmas, 1998), em *The handbook of language variation and change* (Chambers, Trudgil, & Schilling, 2013) e mesmo em *Empirical foundations of a theory of language change* (Weinreich, Labov, & Herzog, 1968), não há menção ao nome de Whitney nas referências bibliográficas. Em *Sociolinguistics: the essential readings* (Paulston & Tucker, 2003), há apenas uma menção ao autor, via Koerner, no capítulo intitulado ‘A brief history of american sociolinguistics 1949-1989’, escrito por Roger Shuy (2003); em Continuum companion to historical linguistics, há breves referências a Whitney no capítulo ‘*Historical linguistics: history, sources and resources*’, escrito pelas editoras do compêndio Silvia Luraghi e Vit Bubenik (2010); em *The handbook of historical linguistics* (Hernández-Campoy & Conde-Silvestre, 2012), há menções, diretas e indiretas, a Whitney em três capítulos da obra.

Essa breve descrição indica que, no âmbito da sociolinguística e, particularmente no que diz respeito a estudos de variação e mudança, Whitney é um nome praticamente apagado nos escritos contemporâneos da área^[8]. Esse fato nos instigou a examinar alguns trabalhos representativos de Whitney, em busca de elementos que justifiquem o papel basilar a ele atribuído por alguns autores no que diz respeito à emergência de uma dimensão social na linguística. No rastreamento das obras examinadas, selecionamos os seguintes pontos: conceito de linguagem/língua, sua origem, funções e modo de aquisição; a mudança linguística, tipos de mudança, o papel do indivíduo e da sociedade, forças e fatores de mudança; língua e dialeto; e a questão do preconceito.

Whitney postula que a língua é um produto histórico conectado com os falantes, e a linguística, uma ciência histórica. Nos termos do autor, a “[...] língua não é um produto físico, mas uma instituição humana, preservada, perpetuada e alterada por livre ação humana”^[9] (Whitney, 1867a, p. 152, tradução nossa). Trata-se de “[...] uma instituição fundada na natureza social do homem”^[10] (Whitney, 1867a, p. 177, tradução nossa), por isso uma instituição social, conforme atestado pelo próprio autor: “Em todos os seus estágios de crescimento, então, a fala é estritamente uma ‘instituição social’”^[11] (Whitney, 1867a, p. 437, tradução nossa, grifo nosso).

Sobre o conceito de linguagem/língua, cabe aqui uma nota sobre o uso dos termos *language*, *tongue* e *speech* nas obras do autor. Ao longo de seus textos, não há clareza acerca do critério usado para, eventualmente, distinguir as noções envolvidas. Por vezes, parece ao leitor que uma palavra é tomada pela outra. Não vamos, neste artigo, problematizar esses usos e também não faremos distinção conceitual entre linguagem e língua.

A linguagem/língua é definida como “[...] o conjunto de signos pronunciáveis e audíveis [articulados] pelos quais o pensamento é principalmente expresso na sociedade humana”^[12], sendo os gestos e a escrita tidos como instrumentos secundários (Whitney, 1875, p. 2, tradução nossa). Os signos são arbitrários, convencionais e mutuamente inteligíveis. Além disso, mais que instrumento de mera expressão do pensamento, a língua é o meio pelo qual o homem transmite consciente e intencionalmente seu pensamento a seus semelhantes. A origem da linguagem e sua função primária estão na necessidade do homem de se

comunicar: “[...] suas necessidades sociais [...] o forçam a se expressar”^[13] (Whitney, 1875, p. 404, tradução nossa). A linguagem tem, pois, uma natureza social, no sentido de agregar os indivíduos em grupos:

Ela possibilita os homens a serem [...] sociais, e não meramente seres gregários. Ela é o produto e também o meio e instrumento da comunidade. Ela converte a raça humana de um agregado vazio de indivíduos em uma unidade, tendo uma vida coletiva, um desenvolvimento comum, para o qual cada indivíduo contribui, recebendo um incalculável tesouro em troca^[14] (Whitney, 1867a, p. 440-441, tradução nossa).

A unidade que caracteriza o grupo de indivíduos se estabelece através da unidade da língua, que se mantém graças à mútua inteligibilidade assegurada pelo desejo de compreender e de ser compreendido pelo outro. A linguagem não só agrupa socialmente as pessoas, mas também atua como “[...] meio de expressão de todos os seus sentimentos, experiências, opiniões, raciocínios”^[15] (Whitney, 1867a, p. 32, tradução nossa). A interação entre os falantes e a língua é acentuada na passagem: “[...] a língua é o que os falantes fazem dela”^[16] (Whitney, 1875, p. 224, tradução nossa).

Para Whitney, “[...] [t]oda língua viva está em constante crescimento e mudança”^[17] (Whitney, 1875, p. 33, tradução nossa). As mudanças linguísticas são assim classificadas pelo autor: (i) alteração de velhos elementos – mudança de som e mudança de significado; (ii) desaparecimento de velhos elementos – perda de palavras inteiras e de formas gramaticais; (iii) produção de novos elementos – novas palavras ou novas formas e expansão dos recursos de expressão. Esses tipos de mudança se misturam.

Quanto ao primeiro tipo, as alterações de forma se dão por abreviação ou redução de palavras (tendência à economia e à comodidade) ou pela substituição de um som por outro (por força da analogia); as mudanças de sentido se dão por restrição da significação geral das palavras (especialização de uso) ou por extensão de sentidos (do próprio ao figurado, de ideias concretas a abstratas), com esquecimento da etimologia. Essas mudanças de forma e de sentido são independentes entre si (embora possam ser paralelas), devido à natureza arbitrária da relação entre sentido e forma. Em relação ao segundo tipo de mudança, como as palavras de uma língua se conservam pela força da tradição, o desuso pode levar ao desaparecimento; ou ainda palavras podem ser substituídas por outras com o mesmo significado. Por fim, a produção de novas palavras e de novas formas se dá por multiplicação de sentidos em palavras existentes, empréstimos de outras línguas, invenção de novas palavras, visando expandir e melhorar a expressão do pensamento, fornecer signos novos para novos conhecimentos e modificar a representação de conhecimentos antigos (Whitney, 1875).

As mudanças linguísticas estão sujeitas a influências externas e internas; a linguagem/língua se altera para adaptar-se às circunstâncias e às necessidades e capacidades humanas em expansão. Tais influências sinalizam para o papel tanto da dimensão social como da dimensão individual na mudança linguística e são assim definidas por Whitney (1867b, p. 30-31, tradução nossa):

As influências externas consistem nas circunstâncias pelas quais os homens são rodeados, as exigências históricas de seu contexto, as necessidades de sua comunicação; as influências internas consistem nos desejos e aspirações, dons, tendências inconscientes, hábitos, idiossincrasias, caprichos dos falantes^[18].

Ademais, as mudanças são lentas e graduais: “Leva décadas, e até gerações ou séculos, para uma palavra independente percorrer a série de modificações na forma e no significado necessárias para sua conversão num elemento formativo”^[19] (Whitney, 1867a, p. 278, tradução nossa). Whitney acredita que as mudanças se dão basicamente no vocabulário, mas podem ter um “[...] efeito indireto sobre o desenvolvimento grammatical”^[20] (Whitney, 1867a, p. 140, tradução nossa). De fato, segundo o autor, “[...] [t]odas as línguas se encontram num estado de constante fluxo de mudança, nunca mantendo seus limites de vocabulário, sua forma fonética, sua gramática, ou o significado de suas palavras”^[21] (Whitney, 1867b, p. 33, tradução nossa).

O papel do indivíduo e da sociedade, na mudança linguística, é recorrentemente abordado pelo autor, que considera que cada parcela de mudança se origina no indivíduo, mas só se estende mediante a aceitação da sociedade. É nesse sentido que o autor afirma que “[...] [cada item] tem seu período probatório durante o

qual tenta se estabelecer”^[22] (Whitney, 1875, p. 154, tradução nossa). Assim, os processos de mudança se dão na tensão entre a iniciativa individual e a aceitação ou resistência da sociedade:

[E]n quanto o indivíduo é o verdadeiro agente na formação e modificação de cada palavra e significado de uma palavra, é a comunidade que faz e altera sua língua. O primeiro é a força molecular; a segunda, a orgânica. Ambos estão sempre trabalhando e a história das línguas humanas é um registro de seus efeitos combinados. [...] A língua tende à diversidade, mas circunstâncias associadas a seu emprego checam, anulam e revertem essa tendência, preservando a unidade, ou produzindo-a onde não havia^[23] (Whitney, 1867a, p. 177, tradução nossa).

As forças que levam à divergência, associadas ao indivíduo, são forças centrífugas, as quais agem, numa espécie de motivações em competição, com as forças centrípetas, associadas à comunidade. As primeiras são responsáveis por variações e mudanças, uma vez que cada indivíduo “[...] tem seu próprio vocabulário, suas palavras e frases preferidas, seus próprios desvios de pronúncia, de construções, de gramática standard normal”^[24] (Whitney, 1867a, p. 154, tradução nossa). As últimas atuam em função da unidade, da inteligibilidade mútua^[25].

As alterações na língua se dão no tempo e no espaço, mas há também outros fatores envolvidos, como a classe social, o grau de instrução, a idade, o que faz com que uma língua comporte “[...] variedades: individuais, de classe, locais”^[26] (Whitney, 1867a, p. 22, tradução nossa). As variações e mudanças são associadas à noção de dialeto, sendo provocadas por fatores de natureza distinta:

[...] poucos, se houver, escapam da influência de peculiaridades locais e pessoais de pronúncia e de fraseologia que, por serem mais perceptíveis que outras, são mais frequentemente chamadas de ‘dialeto’. [...] cada ‘província’, num país de grandes dimensões, tem suas formas locais mais ou menos fortemente marcadas [...]. Cada ‘classe’ tem suas diferenças dialetais, especialmente as determinadas pela ocupação [...]. Há ainda as diferenças em relação ao ‘grau de educação’ [...]. Enfim, há as diferenças de ‘idade’ [...]. Cada uma dessas diferenças é essencialmente dialetal [...] são desvios de um padrão anterior de fala [...] ou são retenções de um padrão mais antigo que, de forma geral, foi abandonado pelos bons falantes^[27] (Whitney, 1875, p. 154-156, tradução nossa, grifos nossos).

As noções de ‘língua’ e ‘dialeto’ são recorrentes na obra de Whitney. Uma passagem representativa é a seguinte:

Qualquer corpo de expressões usado por uma comunidade [...] para os propósitos de comunicação e como instrumento do pensamento é uma ‘língua [*language*]’ [...] Por outro lado, não há nenhuma ‘língua [*tongue*]’ no mundo à qual não possamos, com perfeita liberdade e propriedade, aplicar o nome de ‘dialeto’, se a considerarmos como parte de um conjunto de formas de fala relacionadas^[28] (Whitney, 1875, p. 177-178, tradução nossa, grifos nossos).

Ademais, o autor destaca que “[...] mesmo a mais cultivada língua que existe é somente o dialeto de uma certa classe numa certa localidade [...]”^[29] (Whitney, 1875, p. 178, tradução nossa), o que ilustra uma certa arbitrariedade na definição do que conta como língua e dialeto. Note-se que existe uma orientação social forte atuando sobre as mudanças da língua, pois “[...] quando a fala dos melhores falantes muda, aqueles que não se adéquam à mudança são considerados numa classe mais baixa”^[30] (Whitney, 1875, p. 156, tradução nossa). Construções sociolinguisticamente avaliativas, como ‘melhor falante’, ‘bom uso’, ‘dialeto de pessoas comuns e de pessoas educadas’, e assim por diante, também aparecem nos textos do autor, dando a entender que

[...] os usos de uma parte da comunidade são estabelecidos como uma ‘norma’, à qual os demais deveriam se conformar [...]. Os melhores falantes, aqueles que usam as palavras com mais precisão, com mais plenitude e força de significado, com mais graça e arte, se tornariam os professores dos demais^[31] (Whitney, 1867a, p. 182-183, tradução nossa, grifo nosso).

Ainda nessa direção avaliativa, o autor considera a influência que ‘grandes autores’ podem exercer:

Um grande autor pode, por sua autoridade, atuar em favor da admissão do bom uso de alguma palavra ou frase popular, originada de uma corrupção ou erro, até então reprovada e banida [...]. A máxima *usus norma loquendi* ('o uso é a regra da fala') é de suprema e incontrolada validade em cada parte de parcela de cada língua humana^[32] (Whitney, 1867a, p. 40, tradução nossa, grifo do autor).

Não obstante a caraterização valorativa que contrasta os falantes de uma língua com base no 'bom' domínio linguístico, o autor, ao comparar diferentes línguas, faz um alerta:

[...] ao julgarmos outras línguas, devemos tentar nos livrar de preconceitos gerados pelos nossos próprios hábitos de expressão [...]. É um erro comum de pessoas incultas, e mesmo de algumas pessoas estreitas, embora altamente instruídas, considerar que somente elas são falantes, e que os demais são 'bárbaros', não inteligentes porque faladores ininteligíveis para elas^[33] (Whitney, 1867a, p. 222-223, tradução nossa, grifo do autor).

Nesta seção, podemos evidenciar uma série elementos que atuaram como sementes epistemológicas da sociolinguística moderna. Ilustrando, o conceito de linguagem/língua se orienta por uma dimensão social, centrada na comunicação entre os indivíduos; aliás, a comunicação torna-se um elemento central definidor do que conta como comunidade. A relação entre indivíduo e comunidade, cara à sociolinguística, é tensionada por Whitney ao, por exemplo, mencionar a sua força atuante na mudança linguística. Além disso, um mesmo indivíduo pode pertencer a diferentes comunidades, fazendo uso de diferentes dialetos, o que revela a porosidade do conceito de comunidade e de dialeto. Tais dialetos, por sua vez, não se restringem a um critério geográfico, mas incluem elementos sociais, como classe, nível de instrução, idade, contexto situacional, entre outros. Outro aspecto relevante a mencionar é uma certa arbitrariedade presente na definição dos limites entre língua e dialeto, dando a entender, por vezes, que esse limite é posto socialmente. Por fim, mencionamos o papel do lugar de prestígio social dos indivíduos na instauração de uma norma standard, embora reconheçamos uma tensão no posicionamento avaliativo de Whitney sobre os usos diferenciados da língua: ao mesmo tempo em que, no âmbito de uma mesma língua, o autor reconhece o papel da influência linguística de certa classe de indivíduos sobre outros, no âmbito interlingüístico, Whitney reivindica um posicionamento respeitoso em relação às diferenças linguísticas.

WHITNEY: QUESTÕES DE POLÍTICA, LÍNGUA E O ESPÍRITO DA ÉPOCA

Nesta seção contextualizamos algumas condições acadêmicas e políticas de produção dos trabalhos de Whitney. Enfocamos seus escritos voltados para aspectos educacionais e políticos, realçando a relevância de suas contribuições para debates e reflexões atuais.

Dentre os vários trabalhos de Whitney, o contexto de desenvolvimento de seus estudos comparados engloba o diálogo com uma rede de intelectuais, especialmente alemães, interessados na identificação de semelhanças linguísticas entre o sânscrito, o alemão, o grego, o latim e o persa, entre outras línguas; o auge desses estudos foi embalado por uma 'descoberta' dos manuscritos religiosos e filológicos hindus. A Alemanha foi tida como o berço dos estudos linguísticos comparados, tendo Humboldt como um de seus porta-vozes intelectuais. A influência dos estudos comparados alemães no contexto acadêmico americano incluiu o interesse pela descrição de línguas indígenas americanas, tema que também teria interessado a Humboldt. Segundo Nelson (2005), a proposta hierarquizada de classificação linguística de Humboldt – em línguas flexivas (sânscrito e línguas arianas) e aglutinantes (demais línguas) – teria relegado as línguas aglutinantes a um segundo plano. Essas categorias linguísticas também são usadas por Whitney (1867a; 1875) ao, por exemplo, considerar as línguas indígenas americanas como aglutinantes e o finlandês e húngaro como línguas flexivas, embora relativize o uso hierarquizador daquelas categorias.

Considerando que o cenário intelectual e político alemão influenciou a formação acadêmica de Whitney, vale ressaltar o papel desempenhado por intelectuais alemães na construção de um nacionalismo, em que a língua assumiu papel importante. Exemplificando, em 1810 foi fundada uma universidade financiada pelo estado prussiano, tendo como primeiro reitor o filósofo Johann G. Fitche, que realizou uma série de palestras

em defesa da construção das fronteiras nacionais e da solidariedade alemã, especialmente diante da expansão francesa; outro gestor da universidade em Berlim foi o linguista Humboldt. A relação entre academia e política era evidente naquela época, em que a universidade operou como uma instituição nacionalista, sendo que no centro dessa orientação se localizava o estudo da linguagem (Nelson, 2005). Outros apoiadores do espírito alemão foram o filósofo Herder e o linguista comparado Schlegel, tutor de Bopp. Este, por sua vez, foi professor de Whitney. Entre outras formações, é importante frisar que Whitney estudou na Universidade de Berlim. As ideias políticas alemãs – no que tange à relação entre língua e nacionalismo – influenciaram intelectuais americanos, especialmente após 1814, com a derrota de Napoleão. Um dos nomes atuantes na articulação entre os cenários acadêmicos alemão e americano foi Edward Everett, que também teria afetado o percurso intelectual de Whitney (Nelson, 2005).

No contexto norte-americano no século XIX, pensadores e acadêmicos reivindicavam uma independência intelectual em relação à tradição europeia, de forma geral, e à tradição alemã, de forma específica. Os intelectuais americanos, contudo, foram afetados pelas articulações alemãs entre língua, cultura e nacionalismo e, por outro lado, se empenharam pela busca de análises universalistas (Cmiel, 1990; Nelson, 2005). Exemplos de empenho pela autonomia intelectual norte-americana foram a criação da Revista da Sociedade Oriental Americana (1842) e a fundação da Sociedade Oriental Americana (1843). William Whitney, a despeito de sua influência germanista, teria se identificado com essa busca por uma autonomia intelectual norte-americana. Suas reflexões integraram interesses linguísticos e culturais, especialmente no que tange à cultura hindu (Nelson, 2005).

O viés político existente nos trabalhos e nas reflexões de Whitney variava desde a produção de instrumentos linguísticos que favorecessem a unificação do inglês, até interpretações e análises políticas de fenômenos linguísticos, incluindo as ideias de nação, nacionalismo e o papel da educação na formação das pessoas. Exemplificando, Whitney, mobilizado por suas preocupações com a formalização de uma língua nacional, contribuiu com a revisão do dicionário americano de inglês (1828), de Noah Webster, e publicou uma gramática do inglês (1870). Ademais, vale mencionar que a construção de dicionários e gramáticas no contexto norte-americano do século XIX teve como pano de fundo político a existência de uma tensão entre o conservadorismo linguístico vs. o reconhecimento de usos vulgares e populares. Isso se deu em um contexto de emergência de uma nova classe média em face do enfraquecimento da aristocracia vigente; nesse sentido, a polarização linguística refletia uma polarização social: “Questões de vulgaridade e refinamento linguísticos atravessaram a divisão social”^[34] (Cmiel, 1990, p. 56, tradução nossa).

O posicionamento de Whitney, a favor do uso de gramáticas, não defendia, contudo, uma norma padrão conservadora pautada na modalidade escrita e em referências de correção, mas apelava para uma compreensão dos fatos linguísticos do inglês, com foco, principalmente, na fala (Cmiel, 1990). No contexto educacional, a perspectiva de Whitney sobre a relação entre língua e seu ensino pode ser evidenciada no excerto a seguir, retirado da obra *Language and the study of language*, mesmo ano em que o linguista publicou os trabalhos sobre ‘Línguas e dialetos’ e ‘O valor da ciência linguística e da etnologia’ (Lanman, 1897). Segue o excerto:

O verdadeiro conservadorismo linguístico consiste em estabelecer uma democracia educada e virtuosa, alistando toda a comunidade, por meio de uma educação profunda e penetrante, na preservação adequada e saudável dos usos aceitos da fala correta – e, então, permitindo que qualquer mudança necessária siga o seu curso. Existe um purismo que, enquanto procura manter a integridade da linguagem, efetivamente sufoca seu crescimento^[35] (Whitney, 1867a, p. 150, tradução nossa).

Whitney era um grande defensor da educação e, de forma geral, assumia seu papel e lugar de professor: “Seu estilo era de um professor e não de um palestrante popular de palanque”^[36] (Seymour, 1894, p. 295, tradução nossa). A concepção de educação defendida pelo linguista norte-americano não se limitava a ponderações de ordem linguística ou acadêmica. No texto ‘*Language and education*’, publicado em 1871 em *The north american review* – uma revista literária fundada por um jornalista em 1815 e focada na cultura e política norte-americana, com direcionamento independente, mais social do que acadêmico –, Whitney avalia o sistema



educacional norte-americano, fazendo elogios a sua estrutura democrática, gratuita e inclusiva, embora teça críticas à forma de gestão e à qualidade do ensino. Whitney defende, nesse artigo, uma educação popular de qualidade, articulando-a ao ensino superior, em prol de uma visão integrada de educação; propõe, ainda, como modelo de ensino superior, as universidades alemãs que, entre outras coisas, investiriam em professores que também fossem investigadores.

Ainda no artigo ‘*Language and education*’ (1871), Whitney sinaliza, também, para uma questão bastante atual nos debates universitários: a tensão e controvérsia entre os estudos clássicos e científicos, especialmente no contexto educacional, embora defenda que a “[...] [e]ducação é algo essencialmente e exclusivamente humana”^[37] (Whitney, 1871, p. 347, tradução nossa). Seu posicionamento em relação à controvérsia envolvendo o ensino técnico-científico vs. humanístico, contudo, mostra uma ponderação a favor do diálogo paciente em detrimento da disputa por uma resolução apressada: “Nenhuma reconciliação rápida das opiniões sobre os assuntos aqui em disputa deve ser procurada, se, de fato, alguma vez será alcançada”^[38] (Whitney, 1871, p. 346, tradução nossa).

Sobre o aspecto político do conceito de língua, Whitney (1871), também em seu texto sobre educação, reforça o papel coletivista e agregador da linguagem, em que a comunicação transcende uma perspectiva instrumental e éposta a serviço da construção de um senso de coletividade: “Ela [a língua] nos coloca em comunicação com nossos companheiros e faz do nosso crescimento uma parte integrante da raça, estendendo a nossa pequenez individual às dimensões maiores da natureza humana coletiva”^[39] (Whitney, 1871, p. 360, tradução nossa). Ademais, Whitney não apenas articula a língua à construção de um senso de coletividade, como não a dissocia de seus falantes: “A linguagem, de fato, não existe, salvo nas mentes e na boca daqueles que a usam”^[40] (Whitney, 1867a, p. 35, tradução nossa).

Assim, a homogeneização e/ou dispersão linguísticas estariam diretamente relacionadas aos indivíduos e à comunidade ou, em outros termos, à necessidade de comunicação. É importante frisar que comunicação não significa a possibilidade de uma compreensão totalizadora e harmoniosa entre os interlocutores, uma vez que ela também se constituiria por mal entendidos, polissêmias, imprecisões ou vagueza: “A terra está cheia de línguas discordantes – discordante no sentido de que aquele que adquiriu uma delas é incapaz de entender e de usar as outras [...]. Nenhum homem fala exatamente a mesma língua”^[41] (Whitney, 1867b, p. 32-33, tradução nossa). A comunicação, conforme vimos na seção precedente, é uma das principais forças atuantes tanto na dispersão como na unificação linguística, e ela estaria na base do sentido de comunidade.

No âmbito das políticas linguísticas, a concepção de língua de Whitney também se evidencia na possibilidade institucional de intervenção sobre os usos linguísticos: “Há registros de que o trocadilho feito por um monarca mudou para sempre a forma de uma palavra”^[42] (Whitney, 1867a, p. 37, tradução nossa). No âmbito das políticas institucionais, Whitney foi indicado pela Associação de Filologia Americana para lidar com a reforma da ortografia do inglês, convite declinado por ele por não acreditar na possibilidade de uma mudança brusca na língua, projeto visto por Whitney como uma “[...] cruzada quixotesca”^[43] (Seymour, 1894, p. 295, tradução nossa). O linguista norte-americano também foi convidado pelo governo japonês para opinar a respeito da oficialização do inglês no Japão, embora, a despeito do nacionalismo de Whitney, a defesa do inglês como uma língua universal (*English as weltsprache*) não fosse uma bandeira patriótica sua (Seymour, 1894). Ainda no campo das políticas linguísticas, Whitney (1867b) reconheceu o papel desempenhado por uma estrutura social organizada, a educação e o letramento literário como instâncias atuantes na estabilização das línguas, operando como forças centrípetas: “De todas as forças que se opõem à mudança linguística, a cultura e a educação são as mais poderosas [...]. Civilização e esclarecimento fornecem uma força coesa maravilhosa; eles tornam possível uma ampla unidade política [...] e promovem sentimentos nacionais”^[44] (Whitney, 1867b, p. 39-40, tradução nossa). Nesse sentido, a construção política de um senso de comunidade atua como força centrípeta sobre os usos linguísticos, reforçando o ideal de unidade política, cultural, social e linguística que ajuda a definir o sentimento nacionalista.

Nesse campo de construção de ideais nacionalistas, Whitney (1867b) fornece, já no século XIX, um exemplo bastante relevante para se compreender, a partir das políticas linguísticas^[45], a relação entre nacionalismo, nação e língua, no contexto alemão: O processo de unificação da língua alemã foi em grande medida alimentado pela tradução feita por Lutero da Bíblia, paralelamente ao fortalecimento da imprensa e do letramento; a língua escolhida por Lutero “[...] foi a fala oficial e da corte dos principais reinos da Alemanha central e do sul”^[46] (Whitney, 1867b p. 43, tradução nossa). Nesse contexto de homogeneização linguística, três elementos atuaram como força centrípeta: a religião, a imprensa (com a inscrição da escrita – Bíblia – nos contextos familiares) e as revoluções políticas; a esses três elementos foram somados a literatura e a educação formal. Note-se, contudo, que a ideia de nação é uma construção moderna – em articulação com o surgimento dos Estados-Nação e do nacionalismo como uma ideologia de Estado; nos textos de Whitney (1867a; 1875), o conceito de nação emerge no contexto de delimitação de uma dada comunidade em que a língua passa a exercer um papel coesivo relevante.

Sobre questões terminológicas, termos usados por Whitney, como nação, raça e linguagem, parecem ilustrar três tipos de usos: (i) usos específicos, como raça e/ou linguagem/língua indo-europeia, raça semítica, raça hamítica, raça latina, raça asiática, raça itálica, raça germânica, raça americana, raça inglesa, entre outras; (ii) uso genérico, como raça humana; (iii) usos classificatórios, como raças antigas, civilizadas, em civilização ou primitivas. Mais especificamente sobre a relação entre língua e raça, Whitney propõe um estudo articulado entre linguística e etnologia, de forma a conciliar a história das línguas com a história das diferentes raças. Apesar de articular esses dois domínios – linguístico e etnológico –, seguindo um discurso típico da época de buscar as origens da humanidade através de rastreamentos linguísticos (Campbell, 2006^[47]; Campbell & Poser, 2008). Whitney, por vezes, parece relativizar essa articulação, conforme revela a seguinte citação: “A linguagem não é um sinal infalível de raça, mas apenas sua indicação provável [...] a mistura de línguas não é prova necessária de mistura de raça”^[48] (Whitney, 1867a, p. 372-373, tradução nossa). Essa relativização parece se intensificar nos escritos de 1875, em que Whitney problematiza a possibilidade de se identificar uma suposta origem das línguas aliada à existência de uma única raça, desconstruindo o mito religioso da origem linguística e, de certa forma, desarticulando a relação entre língua e raça: “É, então, impossível que a ciência linguística possa provar [...] que a raça humana no início formou uma sociedade em conjunto [...] a ciência linguística não pode assumir provar a diversidade de raças humanas”^[49] (Whitney, 1875, p. 269-270, tradução nossa).

Ressalte-se, por fim, que essa relação entre raça e língua não está ultrapassada nos debates atuais. Ela tem sido problematizada contemporaneamente à luz das políticas linguísticas críticas, uma vez que a racialização das línguas – e linguistificação das raças – serviu a projetos coloniais, imperiais e nacionalistas diversos, reforçando ideais classificadores e segregadores, como pureza linguística, simplicidade linguística, língua materna e proficiência linguística, entre outros (Severo & Makoni, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo revisitamos alguns trabalhos representativos da vasta obra de William Whitney, linguista norte-americano considerado, por alguns, como precursor da linguística moderna e, por outros, como iniciador da sociolinguística. Reconhecemos que uma retomada desses escritos da segunda metade do século XIX ajuda-nos a compreender de forma mais alargada e contextualizada o percurso histórico da emergência do conceito de linguagem/língua que ajudou a fundamentar visões contemporâneas centradas na dimensão social e política. Uma apresentação de conceitos presentes em suas obras, bem como a contextualização das condições de produção de seus escritos, nos permite situar temas atuais para os estudos da linguagem/língua em uma perspectiva histórica e reflexiva: conceito de mudança linguística, relação entre indivíduo e comunidade, relação entre língua e dialeto, relação entre linguística e etnologia (ou entre língua e raça),

relação entre linguagem/língua e nação, relação entre usos linguísticos e elementos sociais e geográficos, entre outros.

Whitney, evidentemente, foi um homem do seu tempo, que tanto soube acolher a tradição de estudos da linguagem, fortemente centrada nos intelectuais alemães, como criou condições, de forma criativa e arrojada, para a compreensão da dinâmica linguística à luz de um olhar social e político. O linguista parece ter sido um intelectual dos diálogos: entre os estudos comparados e a linguística geral, entre a língua materna e as línguas estrangeiras, entre a esfera acadêmica germânica e a americana, entre a ciência e o ensino, entre o pesquisador e o cidadão, entre os estudos linguísticos e as indagações religiosas e humanísticas, entre o disciplinar e o interdisciplinar, entre a tradição e a inovação. Tais diálogos não implicam, necessariamente, harmonizações ou concordâncias, mas são permeados por tensões que, nem sempre, seriam conciliáveis. Aliás, a capacidade de sustentar tais tensões, sem uma busca apressada por uma ‘solução final’, parece caracterizar a trajetória acadêmica de Whitney. Acreditamos que sua ampla e heterogênea obra pode iluminar questões ainda atuais e que permeiam diferentes campos do saber linguístico, como a linguística geral, a sociolinguística, a política linguística, a linguística aplicada, além dos diálogos interdisciplinares.

REFERÊNCIAS

- Campbell, L. (2006). Why Sir William Jones got it all wrong, or Jones' role in how to establish language families. *ASJU*, XL (p. 245-264). Recuperado de <http://www.ehu.eus/ojs/index.php/ASJU/article/viewFile/4384/4329>.
- Campbell, L., & Poser, W. (2008). *Language classification: history and method*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Chambers, J., Trudgill, P., & Schilling, N. (Eds.). (2013). *The handbook of language variation and change*. Cambridge, UK: Blackwell.
- Cmiel, K. (1990). *Democratic eloquence: the fight over popular speech in nineteenth-century*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Coulmas, F. (1998). *The handbook of sociolinguistics*. Malden, MA: Blackwell.
- Cruz, A. (2010). Prefácio à edição brasileira. In W. D. Whitney. *A vida da linguagem* (prefácio). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Faraco, C. A. (2004). Estudos pré-saussurianos. In: F. Mussalin, & A. C. Bentes (Orgs.), *Introdução à linguística 3* (p. 27-52). São Paulo, SP: Editora Cortez.
- Fishman, J. A., Ferguson, C. A. & Dasgupta, J. (1968). *Language problems of developing nations*. Nova York, NY: Wiley.
- Hernández-Campoy, J. M., & Conde-Silvestre, J. C. (2012). *The handbook of historical linguistics*. Wiley, NJ: Blackwell.
- Jakobson, R. (1985). *Selected writings VII: contribution to comparative mythology – studies in linguistics and philology, 1972-1982*. New York, NY: Gruyter Mouton Publishers.
- Joseph, J. E. (2002). *From Whitney to chomsky: essays in the history of american linguistics*. Filadélfia, PA: John Benjamins.
- Koerner, K. (1989). *Practicing linguistic historiography: selected essays*. Filadélfia, PA: John Benjamins.
- Koerner, K. (1991). Toward a history of modern sociolinguistics. *American Speech*, 66(1), 57-70.
- Labov, W. (1994). *Principles of linguistic change – internal factors*. Oxford, UK: Blackwell.
- Labov, W. (2001). *Principles of linguistic change – Social factor*. Oxford, UK: Blackwell.
- Labov, W. (2008). O quadro social da mudança linguística. In W. Labov, *Padrões sociolinguísticos* (p. 301-373). São Paulo, SP: Parábola Editorial.
- Lanman, C. R. (1897). *The Whitney memorial meeting: a report of that session of the first American congress of philologists*. Boston, MA: Published for the Congress/Ginn and Company.



- Long, O. W. (1929). William Dwight Whitney. *The New England Quarterly*, 2(1), 105-119 Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/359822>. doi: 10.2307/359822
- Luraghi, S., & Bubenik, V. (2010). Historical linguistics: history, sources and resources. In S. Luraghi, & V. Bubenik, *Continuum companion to historical linguistics* (p. 1-35). London, UK: Continuum International Publishing Group.
- Marra da Silva, D. & Milani, S. E. (2013b). Whitney, Saussure, Meillet e Labov: a língua como um fato social. *Anais do SILEL*, 3(1), 1-12. Recuperado de <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/>.
- Marra da Silva, D., & Milani, S. E. (2013a). Reflexões acerca do conceito de língua como uma instituição social em William Dwight Whitney. *Cadernos do IL*, 46(1), 129-147. doi: <https://doi.org/10.22456/2236-6385.35837>
- Milani, S. E. (2000). Humboldt, Whitney e Saussure: romantismo e cientificismo-simbolismo na história da linguística. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Milani, S. E. (2007). Historiografia dos estudos de Willian D. Whitney: a lei do menor esforço. *Linha d'água*, 20(1), 37-47. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v0i20p51-65>.
- Nelson, A. R. (2005). Nationalism, transnationalism, and the american scholar in the nineteenth century: thoughts on the career of William Dwight Whitney. *The New England Quarterly*, 78(3), 341-376. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/30045546>
- Paulston, C. B., & Tucker, G. R. (2003). *Sociolinguistics: the essential readings*. Malden, MA: Blackwell Publishing.
- Saussure, F. (2002). Escritos de linguística geral (C. A. L. Salum, & A. L. Franco, trad.). São Paulo, SP: Cultrix.
- Saussure, F. (2004). *Curso de linguística geral* (A. Chelini, J. P. Paes, & I. Blikstein, trad.). São Paulo, SP: Editora Cultrix.
- Severo, C. G., & Makoni, S. B. (2015). *Políticas linguísticas Brasil-África: por uma perspectiva crítica*. Florianópolis, SC: Insular.
- Seymour, T. D. (1894). William Dwight Whitney. *The American Journal of Philology*, 15(3), 271-298. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/287812>
- Shuy, R. W. (2003). A brief history of american sociolinguistics 1949-1989. In C. B. Paulston, & G. R. Tucker (Eds.), *Sociolinguistics: the essential readings* (p. 04-16). Malden, MA: Blackwell.
- Silverstein, M. (1971). *Whitney on language; selected writings of William Dwight Whitney*. Cambridge, UK: MIT Press.
- Spolsky, B. (2002). *The Cambridge handbook of language policy*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Wardhaugh, R. (2002). *An introduction to sociolinguistics*. Malden, MA: Blackwell.
- Weinreich, U., Labov, W., & Herzog, M. (1968). Empirical foundations of a theory of language change. In W. P. Lehman, & Y. Malkiel (Eds.). *Directions for historical linguistics: a symposium* (p. 95-199). Austin, TX: University of Texas Press.
- Whitney, D. W. (1867a). *Language and the study of language, twelve lectures on the principles of linguistic science*. Nova York, NY: Charles Scribner & Company.
- Whitney, D. W. (1867b). Languages and dialects. *North American Review*, 104(1), 30-64.
- Whitney, D. W. (1871). Language and education. *The North American Review*, 113(233), 343-374. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/25109643>
- Whitney, D. W. (1875). *The life and growth of language: an outline of linguistic science*. Nova York, NY: D. Appleton and Company.
- Whitney, D. W. (1892). *Max Müller and the science of language*. New York, NY: D. Appleton & Company.
- Whitney, D. W. (2010). *A vida da linguagem* (M. A. Alexandre Cruz, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.



NOTAS

[1] Considerando que apenas uma obra de Whitney tem tradução para a língua portuguesa e que o autor é pouco difundido no Brasil, optamos por manter todas as citações na língua original, de modo a preservar a essência do pensamento do autor. As traduções são de nossa responsabilidade.

[2] “Saussure repeatedly expressed his reverence for the American Whitney [...]”

[3] A vida da linguagem (Whitney, 2010).

[4] Na linhagem social de Labov (2008) situam-se os autores: Whitney, Schuchardt, Meillet, Vendryes, Jespersen e Sturtevant. Para uma discussão acerca do caráter social dessa linhagem, ver Severo e Gorski (a sair).

[5] “[...] the destructive force of sound change [...]”.

[6] “[...] laziness”.

[7] “[...] uncultivated and careless speakers [...]”.

[8] Referências a Whitney são encontradas em manuais, capítulos de livros e artigos voltados a uma ampla visão historiográfica da linguística geral, e em alguns trabalhos de caráter particular que exploram certas ideias do autor, como o de Silverstein (1971), Milani (2000; 2007), Marra da Silva & Milani (2013a, 2013b), entre outros

[9] “Language is not a physical product, but a human institution, preserved, perpetuated, and changed, by free human action”.

[10] “[...] an institution founded in man’s social nature [...]”.

[11] “In all its stages of growth alike, then, speech is strictly a social institution”.

[12] “[...] the body of uttered and audible signs by which in human society thought is principally expressed, gesture and writing being its subordinates and auxiliaries”.

[13] “[...] his social needs [...] force him to expression”

[14] “[...] it enables men to be [...] social, and not merely gregarious beings. As it is the product, so it is also the means and instrument, of community. It converts the human race from a bare aggregate of individuals into a unity, having a joint life, a common development, to which each individual contributes his mite, receiving an untold treasure in return”.

[15] “[...] means of expression of all their feelings, experiences, opinions, reasonings”.

[16] “[...] a language is what its speakers make it”.

[17] “[...] all living language is in a condition of constant growth and change”.

[18] “Influences external, consisting in the circumstances by which men are surrounded, the historical exigencies in which they are placed, the necessities of their communication; influences internal, consisting in the wants and aspirations, the native endowments, the unconscious tendencies, the habits, the idiosyncrasies, the whims even, of those who speak”.

[19] “It takes decades, and even generations, or centuries, for an independent word to run through the series of modifications in form and meaning which are necessary to its conversion into a formative element”.

[20] “[...] indirect effect upon grammatical development”.

[21] “All language [...] is in a state of constant flux and change, never maintaining continuously its limits of vocabulary, its phonetic form, its grammar, or the meaning of its words”.

[22] “[...] [every item] has its time of probation during which it is trying to establish itself”.

[23] “[...] while individuals are the sole ultimate agents in the formation and modification of every word and meaning of a word, it is still the community that makes and changes its language. The one is the molecular force; the other, the organic. Both [...] are always at work, and the history of human tongues is a record of their combined effects. [...] Language [...] tends toward diversity, but circumstances connected with its employment check, annul, and even reverse this tendency, preserving unity, or producing it where it did not before exist”.



[24]“[...] Each has his own vocabulary, his own pet words and phrases, his own deviations from the normal standard of pronunciation, of construction, of grammar”.

[25]“Linguistic development is thus made up [...] of an infinity of divergent or centrifugal forces. But [...] there is not wanting an effective centripetal force also, which holds all the others in check [...] this centripetal force is the necessity of communication”.

[26]“Although one language, it includes numerous varieties, of greatly differing kind and degree: individual varieties, class varieties, local varieties”.

[27] “[...] few if any escape the taint of local and personal peculiarities of pronunciation and phraseology, peculiarities which, because more conspicuous than the others, are more often noticed by us and called dialectic. [...] every separate part of a great country of one speech has its local form, more or less strongly marked [...]. Every class, however constituted, has its dialectic differences: so, especially, the classes determined by occupation [...]. Then there are the differences in grade of education [...]. Finally, there are the differences of age [...]. Every one of all these differences is essentially dialectic [...] they are deviations from a former standard of speech [...] or they are retentions of a former standard, which the generality of good speakers have now abandoned”.

[28] “Any body of expressions used by a community [...] for the purposes of communication and as the instrument of thought, is a language [...]. In the other hand, there is no tongue in the world to which we should not with perfect freedom and perfect propriety apply the name of dialect, when considering it as one of a body of related forms of speech” (Whitney, 1875, p. 177-178).

[29] “[...] that even the most cultivated tongue that exists is only the dialect of a certain class in a certain locality [...]”.

[30] “[...] when the speech of the best speakers changes, those who do not conform have to be ranked in a lower class”.

[31] “[...] the usages of one part of the community are set up as a norm, to which those of the rest shall be conformed [...]. The best speakers, those who use words with most precision, with most fulness and force of meaning, with most grace and art, become the teachers of the rest”.

[32] “A great author may, by his single authority, turn the trembling scale in favour of the admission to good usage of some popular word or phrase, born of an original corruption or blunder, which had hitherto been frowned upon and banned [...]. The maxim *usus norma loquendi* (‘usage is the rule of speech’) is of supreme and uncontrolled validity in every part and parcel of every human tongue”.

[33] “[...] In judging other languages, then, we have to try to rid ourselves of the prejudices generated by our own acquired habits of expression [...]. It is a common error of uncultivated, and of narrowly though highly cultivated peoples, to regard themselves alone as speakers, and all others as babblers, ‘barbarians,’ unintelligent because to them unintelligible talkers”.

[34]“Issues of linguistic vulgarity and refinement cut through social division”.

[35] “True linguistic conservatism consists in establishing an educated and virtuous democracy, in enlisting the whole community, by means of a thorough and pervading education, in the proper and healthy preservation of the accepted usages of correct speech – and then in letting whatever change must and will come take its course. There is a purism which, while it seeks to maintain the integrity of language, in effect stifles its growth [...]”.

[36] “His was the style of a teacher rather of a popular platform-lecturer”.

[37] “Education is something essentially and exclusively human”.

[38] “No speedy reconciliation of views upon the matters here in dispute is to be looked for, if, indeed, it shall ever be reached”.

[39] “It [language] puts us in communication with our fellows, and makes our growth an integral part of that of the race, stretching our individual littleness into the larger dimensions of collective human nature”.

[40] “Language has, in fact, no existence save in the minds and mouths of those who use it”.

[41] “The earth is full of discordant languages – discordant in the sense that he who has acquired one is unable to understand and use the others [...]. No two men speak precisely the same tongue”.

[42] “There are instances on record in which the pun of a monarch has changed for all time the form of a word”.

[43] “Quixotic crusade”.



[44] “Of all the forces which oppose linguistic change, culture and education are the most powerful [...]. Civilization and enlightenment give a wonderful cohesive force; they render possible a wide political unity [...] and foster national feelings”.

[45] Observe-se que, em uma rápida pesquisa de algumas obras relevantes para os estudos de políticas linguísticas, nenhuma delas faz menção aos trabalhos de Whitney, tais como: *Language problems of developing nations* (Fishman, Ferguson, & Dasgupta, 1968) ou *The hanbook of language policy* (Spolsky, 2002).

[46] “[...] was the court and official speech of the principal kingdoms of Central and Southern Germany”.

[47] Nos séculos XVIII e XIX, “[...] linguistic comparisons were seen as part of the means for getting at a broader history of the nations and races of the world” (Campbell, 2006, p. 247).

[48] “Language is no infallible sign of race, but only its probable indication [...] mixture of language is not necessary proof of mixture of race”.

[49] “It is, then, impossible that linguistic science should ever be able to prove [...] that the human race in the beginning formed one society together [...] linguistic science cannot assume to prove de diversity of human races”.

